

**Pesher Habacuc e o tema do sofrimento escatológico.**

**Edgard Leite**

<http://lattes.cnpq.br/4323981692424724>

Prof. Dr. Universidade do Estado do Rio de Janeiro,  
Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro.

**Resumo:**

Este texto analisa, a partir da literatura dos **pesharim**, e especialmente de **Pesher Habacuc (1QpHab)**, o tema do sofrimento escatológico, também presente no **Documento de Damasco**. Tentamos propor alguns elos entre essa tradição e o tema do sofrimento de Jesus na literatura neotestamentária.

**Abstract:**

This paper analyzes, from the literature of **pesharim**, and especially **Pesher Habakkuk (1QpHab)**, the eschatological theme of suffering, also present in the **Damascus Document**. We try to offer some links between this tradition and the theme of Jesus' suffering in the New Testament literature.

**Palavras-chave:** Pesher Habacuc – Pesharim - Manuscritos do Mar Morto – Mestre da Justiça – Cristianismo antigo.

**Key-words:** Pesher Habacuc – Pesharim - Dead Sea's Scrolls - Master of Justice - Ancient Christianity.

I

O período do segundo templo (516 a.e.c- 70 e.c.) é fundamental para a compreensão das grandes questões que envolvem a história dos textos bíblicos. Os textos do **Tanach** foram concluídos em suas versões finais nessa época. E na sua complexa e misteriosa história política e religiosa estão ocultos muitos elementos capazes de lançar luzes sobre a formação e natureza do período neotestamentário.

Durante séculos as fontes para o estudo desse período eram limitadas. No entanto, uma sucessão de grandes achados arqueológicos entre o final do século XIX e meados do século XX, foram cruciais para uma revolução documental e interpretativa. Um dos marcos desse processo foi a descoberta do importante acervo guardado na **Genizá** de uma antiga sinagoga do Cairo. Ali, entre uma multidão de do-

cumentos antigos, foi localizado o assim chamado “Documento de Damasco” ou “Documento Zadokita”.

Esse texto trata, entre outras coisas, de até então desconhecidos desdobramentos políticos do período do segundo templo. Dentre eles, da emergência de uma importante liderança religiosa, o **moré hatzadik (1QpHab)**, **moré tzadik (Documento de Damasco)**, ou **moré hatzedaqá (1QpHab)**, o “mestre [ou professor] da justiça”, o “mestre justo” ou o “mestre correto”. A partir dele, como se depreende do “Documento de Damasco” toda uma tradição sectária de cunho apocalíptico obteve legitimidade. O texto, em duas cópias dos séculos X e XI, aponta a longa continuidade de sua relevância histórica que estendeu-se até o período medieval.

A importância dessa personagem tornou-se evidente após a descoberta da biblioteca de Qumram, a partir de 1946. Ali se encontraram diversos exemplares do Documento de Damasco. O “mestre da justiça”, portanto, ou sua obra e tradição, era importante no período do segundo templo, entre grupos sectários que produziam ou reproduziam uma literatura de teor apocalíptico. A sua figura está no cerne dos estudos sobre a origem dos movimentos apocalípticos relacionados a certos textos de Qumran (Martinez, 1995). Além desses textos, o “mestre da justiça” revelou-se também relevante em outros específicos documentos sectários. Até então desconhecidos. Tratam-se daqueles textos conhecidos como **pesharim**.

## II

**Pesher** é uma palavra hebraica, com cognatos em aramaico e acadiano, que possui o significado de “libertar”, ou “soltar”. Especialmente, em seu sentido original, no que diz respeito ao sentido dos sonhos (Berrin, 644). Aparece, no **Tanach** em Eclesiastes 8:1. No conjunto de documentos encontrados em Qumran a expressão é utilizada para designar certas categorias de textos, que contém interpretações específicas, metodologicamente, dos textos bíblicos. Diz-se desse tipo de documentos que são **pesher**, plural **pesharim**.

O **pesher** usualmente contém uma citação de um texto bíblico, o **lemma**, seguido de uma fórmula introdutória que usa o termo “**pesher**” e a “aplicação do texto a uma realidade contemporânea que está fora de seu contexto original” (Berrin, 644). O seu objetivo maior é o de “atualização dos textos bíblicos através de uma aplicação apropriada. A aplicação se fundamenta sobre associações lingüísticas ou literárias entre a interpretação [o **pesher**] e o **lemma**” (Berrin, 645).

Suas preocupações são, portanto, contemporâneas. O texto bíblico é considerado sempre como detentor de uma mensagem desconhecida para o seu autor,

mas revelada ao intérprete **peshet** que nele encontra o prenúncio inequívoco dos acontecimentos presentes (Amusin, 1977). Não é simples explanação, portanto, **peshat**, mas algo mais. Uma utilização tendenciosa do texto bíblico.

Shani Berrin tratou das técnicas exegéticas próprias dos **pesharim** e especificou que além da utilização de paráfrases e alegorias, também são usadas polivalências, isto é, jogos de palavras ligadas a variantes textuais, reais ou hipotéticas, homógrafas ou homófonas, anagramas e abreviações, o que os aproxima das técnicas rabínicas de **altikra**. Muitos autores, como Charlesworth, tendem a distingui-los dos **midrashim**, isto é, das formas de análise típicas da tradição rabínica (Charlesworth, 41). Caracterizando-os, portanto, como procedimento discursivo específico de uma tradição sectária própria, os qumranitas, talvez, os essênios, segundo outros. De qualquer forma um grupo de perspectivas apocalípticas que está relacionado com outros documentos encontrados em Qumran.

Parece básico, além do mais, a utilização de atomizações, isto é, atitudes que ignoram o contexto original ou conteúdo estrutural bíblico prévio.

A teologia dos **pesharim** é usualmente referida ao **aharit ha-yamim**, isto é, o final dos dias (Berrin, 645). Onde um de seus temas básicos ser “a história do grupo que o redige” (Charlesworth, 72), entendida numa perspectiva teleológica. Daí, sem dúvida, seus termos técnicos estarem relacionados aos protagonistas dessa história, ou seja, “mestre da justiça”, o “sacerdote do mal”, o “homem da mentira”, os “filhos da luz”, os “filhos das trevas” e, especialmente seus inimigos externos, os **kittim**. Os **pesharim** entendem o momento em que estavam sendo elaborados como o derradeiro da história.

Quase todos os autores concordam que os **pesharim** foram escritos em torno do I século a.e.c e que são particularmente atentos a eventos históricos que tiveram lugar em algum momento em torno da revolta dos macabeus (167 a.e.c.). Se o “Documento de Damasco” pertence à mesma tradição dos **pesharim**, parece possível que o grupo que cerca “o mestre da justiça” surgiu em torno dessa época. O “Documento” aponta uma data próxima a essa para a emergência do grupo. Talvez no período em que viveu Jonathan (152-142 a.e.c.) ou Simão (143-135 a.e.c.), soberanos hasmoneus. Se os exemplares disponíveis em Qumran eram cópias ou autógrafos é ainda matéria de discussão (Charlesworth, 77).

### III

O mais completo dos **pesharim** é o **peshet Habacuc** (1QpHab). Trata-se de um texto encontrado na caverna 1 de Qumran, tendo sido publicado em 1951. Pela sua integridade e coerência interna é considerado um **peshet** padrão. Trata-se de

um comentário sobre a história do povo judeu e do grupo sectário obtido através de uma interpretação do livro do profeta Habacuc (Brownlee, 1979).

O texto de Habacuc utilizado pelo autor possui variações com relação ao texto masorético. Por exemplo, o *peshar* 1QpHab ii.1 lê Hab 1.5 como **habogedim**, isto é, traidores, da mesma forma que a **Septuaginta**. O texto masorético lê **bag-goyim** “entre as nações”. Este é uma variante interessante e que adquire particular importância nesse **peshar**. Alguns sustentam que o autor utiliza, na verdade, mais de uma versão do texto de Habacuc (Brownlee, 1959). Isso é coerente com a tendência do período do segundo templo, atestada em Qumran, de preservar diferentes variantes textuais sem maiores preocupações com uma fixação canônica. Sua caligrafia é herodiana e provavelmente data da segunda metade do século I a.e.c. Possui a característica singular de escrever o tetragrama com caracteres paleo-hebraicos (Bernstein, 647).

Um dos desafios dos estudiosos dos **pesharim** e especialmente do **peshar Habacuc** é a identificação dos protagonistas do texto. E, a partir daí, tanto uma compreensão mais precisa da história e da teologia do grupo sectário que o gerou quanto do impacto posterior de sua tradição.

Inicialmente, é claro, a enigmática figura do “mestre da justiça”. Talvez seja ele o autor de **1QHodayot**, que preserva hinos de louvor a Deus de forte carga apocalíptica, e que é anterior aos **pesharim** (Charlesworth, 34). Segundo **Peshar Habacuc**, foi o “mestre da justiça” aquele “ao qual Deus manifestou todos os mistérios das palavras de seus servos os profetas” (VII-4). Era, segundo algumas fontes, um sacerdote (**4QPs**), provavelmente descendente de Aarão e Zadok, inserido, portanto, no legítimo clã sacerdotal dos zadokitas (Charlesworth, 31).

Muitas tentativas foram feitas no sentido de identificá-lo, em função dos eventos posteriores à revolução dos hasmoneus e das controvérsias político-religiosas dela decorrentes e a partir de diversas fontes, como Josefo. Foram propostos Onias III (170 a.e.c.), o último sumo-sacerdote zadokita, Matatias e Judas Macabeus (167-162 a.e.c.), Simão III (159-152 a.e.c.), Eleazar o fariseu – aquele que desafiou João Hircano- (134-104), Judá o essênio (100 a.e.c.) e Onias, o justo (65 a.e.c.) (Charlesworth, 32).

De qualquer forma o “mestre da justiça” é elemento central daquele movimento que **peshar Habacuc** denomina de “nova aliança” (II-3). Tratava-se de um crítico apocalíptico da estrutura sacerdotal do templo de Jerusalém, conspurcado pelo “sacerdote ímpio, que perseguiu o Mestre da Justiça” (XI-4). É este provavelmente o mesmo “mestre da mentira” que “desviou a muitos, construindo uma cidade de vaidade com sangue e levantando uma comunidade com enganos, para sua

própria glória, esgotando a muitos com trabalhos vãos e fazendo-os conceber obras de mentira” (X-9).

Não há dúvidas aqui que o “mestre da justiça” se encontra no interior de um grande drama histórico, no qual a “nova aliança” desempenha um papel aglutinador de um evento escatológico. Interpretando Habacuc, o **peshar** conclui que a grande ameaça ali preconizada sob o nome de Caldeus na verdade se refere aos **kittim**, provavelmente os romanos. De fato, no decorrer da revolução dos macabeus são os romanos os principais agentes da política interna judaica. Legitimadores da dinastia hasmonéia e presença crescente e profana nos negócios internos de Israel. A crítica do “mestre da justiça” à profanação do Templo está inserida em um quadro maior de crise histórica que anuncia um confronto escatológico entre os seus seguidores e adversários locais e estrangeiros.

A perseguição e padecimento do “mestre da justiça”, narrada claramente nos **Hodayot**, e descrita em **peshar Habacuc** é parte também relevante de sua trajetória ideológica e política. Dá a entender que o processo político no qual se envolveu foi marcado por atos de covardia e traição: “Porque, traidores, observam e guardam silêncio quando um ímpio devora alguém mais justo que ele? Sua interpretação se refere à Casa de Absalão e aos membros de seu conselho, que se calaram quanto à repreensão do mestre da justiça e não o ajudaram contra o homem da mentira que rejeitou a Lei em meio a toda sua comunidade” (V:8-12).

A injustiça com a qual se deu a perseguição ao mestre da justiça é marcada por atos perversos, entre eles o de buscar o mestre num momento sagrado, quando este estava desprevenido, porque crente na sacralidade do momento. Assim, “o sacerdote ímpio que perseguiu o mestre da justiça para devorá-lo com furor de sua ira” o fez “no lugar de seu desterro, no tempo da festa, no descanso do dia do perdão” (XI:4). Essa traição suprema, a de violar o **yom kippur**, engrandece o mestre da justiça por conta da ignomínia à qual foi submetido e desqualifica ritualmente e identitariamente seus opositores.

#### IV

Os estudos de Qumran revelaram a existência de muitas linhagens teológicas que tiveram espaço nas primeiras comunidades cristãs. Segundo Stendhal, demonstram que o cristianismo apoiou-se, historicamente, em elementos conceituais anteriores (apud Vanderkam, 1993:193). Aproximações óbvias entre o perfil do “mestre da justiça” e o de Jesus têm sido feitas há muito, e sugerem mais um elo de conexão entre a literatura do período do segundo templo e a literatura neotestamentária (Flusser, 2000), (Stegemann, 1994).

No caso, tais associações sinalizam a existência de uma tradição consistente e de grande penetração histórica, característica de um sectarismo existente na época de Jesus. Trata-se da crença de que o legítimo “mestre da justiça”, fundador da nova aliança, foi traído por aqueles que o deveriam ter compreendido e protegido. André Chevitarese, em recente artigo, sugere que “cristãos no seu todo, não conheciam o tema ‘traição de Jesus’” (Chevitarese, 2008:2). Se de fato essa tradição não estava presente em Paulo, Tomé e na Fonte Q, isso não queria, no entanto, dizer que o tema da traição não existisse e na verdade não tivesse consistente presença em certos meios judaicos. A tradição de Marcos parece incorporar uma proposição que circulará até a idade média, no **Documento de Damasco**. E sua densidade em comunidades apocalípticas pode ter influenciado sua aceitação como importante elemento teológico.

É claro que o tema da não-compreensão do profeta, o seu abandono, é característico da literatura profética, e parece ser um elemento integrante da experiência do profetismo no período do primeiro templo. A dialética entre o profeta e o mundo é um elemento importante na narrativa profética e certamente está referida a muitos dos elementos que caracterizam a relação de Jesus com aqueles que o cercam. No entanto, a tensão extraordinária que existe entre o “mestre da justiça” e o “mestre da mentira” em **peshar Habacuc**, transcende as meras resistências políticas e teológicas sustentadas pelos sacerdotes do período do primeiro templo. Ela adquire dimensões escatológicas e estão marcadas pelo perfil dualista que permeia o pensamento apocalíptico sectário do segundo templo. E isso pode ter uma influência na forma como um dos apóstolos acabou sendo entendido como a representação do mal e da impiedade. E, de fato, o papel que Judas eventualmente adquire em uma certa vertente teológica antiga aproxima-o de um contraditor de perfil apocalíptico.

O mestre da justiça não é só profeta, mas é, como aparece nos **Hodayot**, “bandeira para os eleitos da justiça” (**1QHodayot**, X:13), “pai para os filhos da graça” (XV:20), “remédio para todo o que se aparta do pecado, prudência para os simples, inclinação firme para os tímidos de coração... fundamento da verdade e do conhecimento para os do caminho reto” (X:9-10). E em que pese essa alta relevância espiritual e política foi, no entanto, objeto “de censura e zombaria dos traidores... objeto de calúnia na boca dos violentos” e para ele “os zombadores rangem os dentes” (X: 11-12).

O ato da traição, a natureza do opróbrio a que foi submetido, principalmente por se tratar de dia de festa, a mais sagrada festa judaica, **yom kippur**, parece delinear, assim, a existência de uma tradição teológica definida. Aquela que entende a injustiça cometida contra o Eleito como o cerne de uma mensagem teológica

de cunho apocalíptico. O caráter misterioso do seu padecimento contém provavelmente o desenvolvimento da idéia, profética em sua origem, de que o sofrimento é instância necessária e didática no processo de Revelação. No caso, de forma singular, para aqueles que seguem o mestre da justiça e que através de seu sofrimento alcançam a percepção de um drama escatológico e apocalíptico.

Assim, podemos sugerir ser muito provável que esse tema fosse presente para alguns que, na época, procuraram entender as misteriosas circunstâncias que levaram ao desaparecimento do Jesus histórico. E que assim consideraram o processo como a necessária realização ou atualização de um tema religioso, o sofrimento escatológico, próprio da literatura apocalíptica sectária e do destino do “mestre da justiça”, cujo perfil guarda evidentes correlações com o aspecto messiânico de Jesus. Assim, teríamos nas afirmativas marcadas sobre a traição de Judas e o sofrimento de Jesus a ocorrência de um **peshar** sobre uma narrativa de conhecimento sectário na época? Uma atomização, isto é uma aplicação que ignora o contexto original para atualizar uma idéia, de uma atomização anteriormente feita? Numa literatura, como a neotestamentária, aliás, que é cheia de atomizações?

Díficeis respostas. No entanto, acrescentando mais um problema ao estudo de Chevitarese, não podemos deixar de propor que a tragédia do “mestre da justiça” era sim de conhecimento em certos círculos judaicos na época de Jesus e após a sua morte, e que a presença do tema do sofrimento apocalíptico não era, em si, um acontecimento original ou singular. Se isso era interpretado numa perspectiva dualista, apocalíptica, como parece ser em Marcos, ou monista, como aparenta o “Evangelho de Judas”, de qualquer forma o problema sugere a existência de um diálogo com uma temática previamente existente. É possível que contenham ambas tradições a elaboração de **pesharim** distintos sobre uma espécie de **lemma** anterior - o sofrimento do “Mestre da Justiça”, aplicados à experiência histórica de Jesus. O assunto, em si, teve sua importância nas respostas formulados pelos sectários ao grande drama histórico diante do qual se situavam os judeus no limiar da era comum. E quem não poderia deixar de pensar que se tratava, a traição a Jesus em **Pessach** de uma misteriosa realização, repetição ou atualização de um evento há muito conhecido nos **pesaharim** sectários?

### Fontes e Bibliografia:

AMUSIN, Joseph: “The reflection of historical events of the first century BCE in Qumran commentaries” in Hebrew Union College Annual 48 (1977).

BERRIN, Shani L. “Pesharim” in SCHIFFMAN, Lawrence H and VANDERKAM, James: Encyclopedia of the Dead Sea Scrolls. Oxford, 2000.

- BERNSTEIN, Moshe: "Peshar Habacuc" in SCHIFFMAN, Lawrence H and VANDERKAM, James: Encyclopedia of the Dead Sea Scrolls. Oxford, 2000.
- BROWNLEE, William H. "The Text of Habakkuk in the ancient Commentary from Qumran". In Journal of Biblical Literature Monograph Series, 11. Philadelphia, 1959.
- BROWNLEE, William H. The Midrash Peshar of Habakkuk: Text, Translation, Exposition with an Introduction. Society of Biblical Literature Monograph Series, 24. Montana, 1979.
- CHARLESWORTH, James H. The Pesharim and Qumran History, chaos or consensus? Eerdmans, 2002.
- CHEVITARESE, André: "O Tema da Traição na Documentação Antiga e o Recém Descoberto Evangelho de Judas" in Revista Jesus Histórico e sua Recepção, - Ano 2008 - volume 1
- FLUSSER, D. O Judaísmo e as Origens do Cristianismo, **Vol. I**. Rio de Janeiro, Imago, 2000.
- MARTINEZ, Florentino Garcia: "The origins of the Essene Movement and of the Qumran Sect" in MARTINEZ, Florentino Garcia (ed.): The People of the Dead Sea Scrolls: Their Writings, Beliefs and Practices. Leiden, 1995.
- STEGEMANN, Hartmut: "Jesus and the Teacher of Righteousness. Similarities and Differences" in Bible Review 10.1 (1994).
- VANDERKAM, J. "Os manuscritos do mar morto e o cristianismo" in SHANKS, Hershel: Para Compreender os Manuscritos do Mar Morto. Rio de Janeiro, Imago, 1993.